

Agenda para o 2º turno

Eleição Presidencial

Noênio Spínola *

Os mercados especulativos serviam no dia seguinte às eleições, quando o candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva, foi para as rádios em São Paulo com um pronunciamento curioso. Disse ele, literalmente, que o cenário configurava "irresponsabilidade da política econômica do governo" ao permitir a alta do ouro e do dólar, e acrescentou em bom som: "Enquanto isso, o Banco Central reduz os juros, até parece que para fomentar esta subida..."

Lula parou a curta distância de pedir que a gerência da Dívida Pública do Banco Central aumentasse ainda mais as taxas de juros para conter a migração do dinheiro assustado e do fluxo especulativo de capitais para o *black*. Mas, se não era isso, que política monetária estaria mesmo o candidato do PT propondo ao Banco Central, a um passo do segundo turno, para não perturbar sua sorte eleitoral nem contribuir para o desmonte da última tábua de salvação da economia antes de embarcar em uma hiperinflação como a que precedeu a eleição de Carlos Saúl Menem na Argentina? Não seria a mesma estratégia seguida pelo Ministro da Fazenda de arrochar as taxas no *overnight*?

Prosaiço que pareça, esse episódio mostra como a retórica política muda quando os candidatos se aproximam do poder em países nos quais inexistia uma rotatividade normal dos partidos no comando da economia nacional. Sempre que o poder muda com naturalidade de mão em mão, a retórica do possível herdeiro do trono torna-se menos predatória, menos selvagem, porque ele sabe que a terra arrasada de hoje será sua herança de amanhã. Ninguém planta a ingovernabilidade em regimes nos quais o poder troca de mãos seguindo calendários regulares, como democratas e republicanos nos Estados Unidos, conservadores e trabalhistas na Grã-Bretanha, socialistas e con-

servadores na França, socialdemocratas e democratas cristãos na Alemanha.

Quando escrevamos este artigo, Lula e Brizola ainda disputavam palmo a palmo sua presença no segundo turno. Quem quer que chegue lá irá trocar um cenário de completa pulverização partidária, em benefício de uma nova polarização cujo único risco é levar o eleitorado a optar pelo passado, pelo modelo esquerda-direita. Esse tipo de opção a Europa inteira já descartou, e até na Namíbia a última colônia africana, às voltas com o desenho de uma nova Constituição já aparecem cenários menos radicais.

A vantagem de Lula no segundo turno é mais do que clara para a sociedade brasileira: antes que acabe este século, será possível testar nas urnas o esgotamento da retórica radical de esquerda que Brizola e os brizolistas ainda temperam oferecendo ao distinto público retratos retirados da galeria dos nossos avós getulistas.

Supondo-se que exista espaço para a racionalidade, o que assistiríamos em um segundo turno Collor? Lula seria a um confronto de plataformas, que poderiam colocar uma proposta de socialdemocracia de um lado contra um modelo socialista do outro. Brasileiras e brasileiros teriam, então, a possibilidade de optar pelo modelo que os europeus estão descartando na Polônia, na Hungria e no resto do Leste europeu. Ou, então, o PT seria obrigado a desenhar alternativas próximas da socialdemocracia francesa, sueca ou espanhola. Alguém sairia mais civilizado e esclarecido desse confronto de idéias.

Há, é verdade, muitas pessoas que não acreditam no preparo do Brasil e dos brasileiros para optar por plataformas. O que iria decidir as eleições seria a "cara" do candidato, seu carisma, sua possibilidade de convencer multidões. Sílvio Santos, com sua meteórica subida nas pesquisas, ganhando da noite para o dia uma terça parte do eleitorado, provou que um sorriso colgate—koly-

nos em programas de auditório pode valer mais do que duzentas páginas liberais de um programa tão metódico e bem arrumado como o que o candidato Afif Domingos ofereceu aos liberais. Pode ser.

Mas Sílvio Santos também provou que podia despensar rapidamente nas pesquisas quando começou a ser analisado milimetricamente pelo eleitorado, com seus defeitos e virtudes alinhados. Qual teria sido o efeito de uma presença do animador na TV ao aparecer com as mãos vazias, alegando que não tinha um programa de governo, mas iria convocar pessoas competentes para desenhá-lo? Nossa época parece estar demonstrando que a velocidade e a quantidade de informações são capazes de tornar o mundo menos "a-perspectivico" — para usar uma expressão complicada de um filósofo alemão —, obrigando todo mundo a exercícios diários de racionalidade em torno da inflação, das propostas econômicas a longo prazo, das posturas sociais e políticas em geral. A dona-de-casa que tem uma conta remunerada ou o pequeno comerciante que deposita suas sobras de caixa no *overnight* sabe que um candidato estará mentindo se jogar toda a culpa sobre um setor apenas da economia. Nesse sentido, os últimos anos de experiências desastrosas e — em muitos casos, irresponsáveis — com a economia talvez já tenham ensinado os brasileiros a separar o populista e o demagogo não pela linha de fundo primária do esquerda-direita, que se está aposentando onde as discussões filosóficas são um pouco mais contemporâneas e sofisticadas, mas pela capacidade de responder pragmaticamente aos grandes desafios. Não faz mal apostar na racionalidade do povo brasileiro. Quem sabe, a meia-volta de Lula sugerindo que o Banco Central mantenha altas as taxas de juros é bom sinal de qualidade do entendimento dos problemas nacionais pelo candidato que pode levar seu tipo de sindicalismo para disputar o segundo turno.